

# Uma sociedade em chamas

O que esperar quando bandidos assaltam quem arrisca a vida para salvá-los? Procuram-se respostas. E a violência segue

JOSÉ CLAUDIO PIMENTEL  
DA REDAÇÃO

*"Então para tudo e vamos refletir. Eu, depois de horas de combate ao incêndio na favela, sou assaltado pelos mesmos ocupantes da favela para quem estou trabalhando. Acabou tudo. É o fim do mundo. E, por um minúsculo gesto desses marginais, quase entro na estatística de PM morto (...)"*.

O desabafo, feito em uma rede social na internet, é de um cabo do Corpo de Bombeiros de Santos que, pela quarta vez, deslocava uma viatura-tanque de 20 toneladas para reabastecer a água durante o incêndio que destruiu ao menos 80 barracos na favela México-70, em São Vicente. O incidente ocorreu na terça-feira, mas repercutiu desde então.

O relato do bombeiro, vítima do roubo, somou-se ao de um tenente do mesmo batalhão (Santos) que coordenava os trabalhos dos soldados naquela ocorrência. *"Eu achava que tinha visto muita coisa inacreditável. Mas assaltarem uma viatura do Corpo de Bombeiros? (...) Na boa? Nojo desse País!"*, escreveu, indignado,



FOTOS IRANDY RIBAS - 11/2/14

Incêndio atingiu ao menos 80 barracos na favela México-70. Durante o combate às chamas, houve conflito entre moradores e PMs

também na internet. A Tribuna tentou entrevistar os dois oficiais, precursores

dessa discussão, mas os comandos do Corpo de Bombeiros, tanto na Baixada Santista co-

mo em São Paulo, preferiram não expô-los à imprensa. A decisão foi tomada com base em

regras da Polícia Militar, uma vez que não houve qualquer impedimento por parte da Se-

cretaria de Segurança Pública do Estado.

O fato, considerado inédito, é mais extenso. Primeiro, um grupo com seis homens, dois deles armados, levou a aliança, o celular, o relógio e a câmera fotográfica do bombeiro (esta última, recuperada) e pôs sua vida sob ameaça. Depois, outros bandidos roubaram uma equipe do Serviço Móvel de Urgência e Emergência (Samu) de São Vicente, que prestava assistência a uma das seis pessoas afetadas pela tragédia.

A onda de crimes, ainda com o incêndio fora de controle, chegou então às equipes dos veículos de comunicação que cobriam o sinistro. Entre eles, os repórteres e o motorista de A Tribuna, que decidiram sair do local às pressas por questão de segurança. Desses, nada foi levado, diferentemente do que aconteceu a outros colegas. Mas, como os demais, foram intimidados e ameaçados.

Como disse o bombeiro, vítima de roubo em pleno exercício da profissão, "então para tudo e vamos refletir". O que devemos esperar?



"Aquela comunidade (México-70) pegou fogo, mas está em chamas todos os dias", exemplifica sociólogo

## No caldeirão, ingredientes fortes

"Hoje, qualquer pequeno conflito torna-se um ato violento de proporções inimagináveis", considera o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, profundo estudioso sobre a violência no Brasil. Para ele, o que ocorreu na favela México-70, na terça-feira, é um exemplo disso. As ameaças e os roubos causaram uma confusão generalizada que precisou da intervenção da Polícia Militar.

"Os papéis estão todos invertidos. Enquanto o Estado deveria nos cobrar ordem, somos nós quem cobramos isso dele.

Então, o que esperar?", questiona Waiselfisz.

Da mesma forma, esperançoso, ele acredita que a solução para a violência no Brasil – ou na Baixada Santista – ocorrerá em longo prazo e "assim que for identificada a enfermidade, o foco causador dessa doença".

O sociólogo Wellington Teixeira Lisboa, que leciona na Universidade Católica de Santos (UniSantos), lembra ainda que o problema – a violência desenfreada – não é de hoje e tem se agravado ao longo dos anos.

"A culpa do Estado é histórica", diz, sem qualquer menção negativa às ações da Polícia, mas, na verdade, à ineficiência da máquina pública.

"Estamos vivendo um grande caldeirão de desigualdade, e é difícil manter a ordem nele", admite. Lisboa acredita que a inversão de valores sociais colabora diretamente na "degradação da vida humana", colocando, então, a violência sempre em destaque. "Aquela comunidade pegou fogo, mas ela está em chamas todos os dias. É certo isso?".

## Ausência de Estado e de educação: a senha

"O que acontece é uma anomalia, quando o Estado formal não existe e é substituído pelo informal", explica, sobre o que ocorreu no México-70, o coronel da reserva da Polícia Militar Marcelo Afonso Prado, que já comandou o policiamento na Baixada Santista e passou por todos os batalhões da região. Mas, sobre a violência no Litoral e no Brasil, ele é taxativo: "Falta educação".

O coronel salienta que o Poder Judiciário também tem culpa pelo que acontece hoje. "Tem que condenar, tem que responsabilizar rapidamente, para que o possível criminoso tenha certeza da punição". Da mesma forma, o sistema prisional tem que ser revisto, pois hoje, segundo o especialista, serve apenas como "um grande depósito de seres humanos".

De forma semelhante a Prado, o coronel da reserva da PM, José Vicente da Silva Filho, que já foi secretário nacional de Segurança Pública, acredita que é preciso que a sociedade lute por um "basta". "A violência está presente quando não existe o Estado propriamente dito. E não é só nessa comunidade (México-70)", diz, propondo uma reflexão às pessoas.

O coronel Silva Filho julga que a solução virá quando houver agentes públicos capazes de fazer a mediação do conflito, punir aqueles que agem à margem das leis e prestar assistência às vítimas e aos culpados, dentro do necessário. "Hoje, aonde vai bombeiro, tem que ir polícia atrás. Os heróis, assim como a população, não estão seguros".

## Imprensa, de salvo-conduto a alvo fácil

"É estarrecedor saber que, na cobertura de um incêndio, bombeiros e jornalistas são vítimas de assalto. Beira o incompreensível", diz o diretor executivo da Associação Nacional de Jornais (ANJ), Ricardo Pedreira. Ele acredita que, mesmo com o ambiente violento ao qual os jornalistas são submetidos, é preciso que esses profissionais insistam no papel da profissão.

"Em uma guerra, o salvo-conduto ocorre quando um repórter está com um colete escrito imprensa. No Brasil, esse mesmo colete é chamariz para ações violentas". Pedreira entende que as empresas devem oferecer mais segurança a seus profissionais.

"Não acredito que chegou o momento de o jornalista não poder mais sair da redação por causa da violência. Mas estamos a caminho disso", alerta o presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, José Augusto Camargo. Para ele, é preciso cobrar responsabilidades do Governo para que as ações punitivas sejam mais eficazes.

Camargo critica a injustiça social, afirmando que, diferentemente da teoria, cada cidadão é observado de uma maneira perante a lei. "O Estado tem que provar a igualdade legal. Jornalismo não é profissão de risco e nem deverá ser, mas está sujeita a ambientes violentos".

## Constatação

**"O que acontece é uma anomia, quando o Estado formal não existe e é substituído pelo informal"**

Marcelo Afonso Prado, coronel reformado da Polícia Militar



ALBERTO MARQUES - 2/8/12